

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof
Prof. Carlos T. Mendes
Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 9

Maio-Junho de 1934

N. 5 - 6

INSTITUTO AGRONOMICO DE CAMPINAS

Si pouco aprenderam os lavradores do Estado em sua recente visita ao Instituto Agronomico, em consequencia da escassez do tempo e da multiplicidade das dependencias a percorrer e dos trabalhos a examinar, muito lucraram, sem duvida, pelas constatações directas que puderam fazer. A lavoura paulista viu pelos olhos dos seus mais lidimos representantes, a grandiosidade do futuro que lhe está reservado. Acabou-se para o fazendeiro de S. Paulo a éra empirica do *derrubar e plantar, colher e queimar*. Conduzida pelo Instituto Agronomico, a fazenda de café — o mais legitimo orgulho do paulista bandeirante, avança a largos passos pelas trilhas da mais racional e scientifica agricultura. Aqui, agora, o fazendeiro já não teme a adubação. Até pelo contrario, enthusiasma a gente, empolga mesmo, o ver-se a fortuna empatada annualmente pelos proprietarios, na fertilização de suas terras. E, ao gastar rios de dinheiro na compra de adubos, o fazendeiro o faz conscientemente, confiante do successo da sua empreza. Elle não age a esmo. Sabe que a terra precisa ser restituída dos elementos que lhe roubaram as culturas, e o faz convictamente. Elle viu com os proprios olhos a differença espantosa do cafeeiro que vejeta num optímo de condições, para aquelle plantado numa terra exhausta e pibre. Viu, e convenceu-se ante a realidade.

Eis o primeiro e grande triumpho do Instituto Agronomico de Campinas.

E agora, com a mesma segurança com que estuda e resolve os palpitantes problemas da fertilização da terra, rasga os horizontes de uma nova era da agricultura nacional: — a era do melhoramento das plantas pela genetica applicada.

Aqui entre nós — digamos de passagem — são muito frequentes certos bafejos de erudição, promanados, não se sabe bem de onde, mas que nos attingem e impregnam todo o ambiente dos intellectuaes e pseudo-intellectuaes da biologia, ou da agronomia, tornando-se assumpto obrigatorio de todas as palestras, para logo se dissiparem como uma baforada de fumo. Foi o que aconteceu com os colloides, com as enzymas, com as vitaminas, com o enxerto de Voronoff, e com muita cousa mais, que sem perderem o prestigio scientifico de que gozam, já não têm mais o sabor da novidade.

Agora o sopro que agita todos os meios agronomicos do Brasil é a Genetica. E' preciso falar em genetica si não se quizer passar por ignorante. Mesmo que se tenha dessa sciencia apenas os conhecimentos os mais rudimentares, é necessario falar nella. Em todas as rodas dos entendidos da agronomia a palavra "genetica" se repete a cada instante. Fala-se em hybridação, em auto-fecundação, em pollinisação crusada, em Morgan, em chromosomios, em Mendel, em ervilhas, em *Drosophilas*. Fala-se, fala-se, fala-se... mas não se muda uma palha.

E nesse tempo, enquanto a caixa bate cá fóra, o Instituto Agronomico, silenciosamente, opéra. Já creou a sua secção de genetica, já contractou especialista no estrangeiro, já mandou um tecnico estudar na America do Norte, já inaugurou, emfim, brilhantemente, a era da verdadeira genetica, isto é, de uma genetica objectiva, applicada, fertil, muito differente da genetica "verbal" e livresca de todas as rodas.

O Instituto Agronomico de Campinas, que, completando a obra grandiosa da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", vem jogando as ultimas pás de terra para a cova que encerra os despojos da rotina que até ha bem pouco floresceu, esse grande pioneiro do desenvolvimento agricola do Brasil, pode bem orgulhar-se de ter sido o primeiro instituto que entre nós consegue passar a genetica das paginas do livro para o campo da experimentação e da pratica.